

Relato de uma certa identidade: o Amazonas de Milton Hatoum

Carlos Eduardo Louzada Madeira¹

RESUMO: O presente artigo se concentra no romance *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, para tratar das articulações identitárias que atravessam a literatura do escritor amazonense. Em tom intimista e com vocação universal, Hatoum joga com elementos como o memorialismo e a questão imigratória, invocando sua ascendência libanesa e colocando em perspectiva uma multiplicidade de vozes que não permitem a filiação estrita a uma única matriz cultural.

Palavras-chave: Identidade; Retorno; Imigração; Cultura.

ABSTRACT: This article focuses on Milton Hatoum's novel *Relato de um certo Oriente* (1989) to deal with identity articulations present in the literature of the Amazonian writer. In an intimate tone and with a universal vocation, Hatoum uses elements such as memorialism and the immigration issue to invoke his Lebanese origins and put in perspective a multiplicity of voices that do not allow strict filiation to a single cultural matrix.

Keywords: Identity; Return; Immigration; Culture.

1. O local e o global na literatura de um estrangeiro amazonense

Publicado inicialmente em poesia, ainda nos anos 1970, Milton Hatoum logo tratou de promover um desvio de rota que o levou a concentrar-se exclusivamente no âmbito da prosa, convencido da sua inabilidade para a criação poética. Os contos que escreveu nessa mesma época, porém, acabaram todos descartados, apesar do interesse que despertaram em Nélida Piñon, escritora para quem Hatoum havia encaminhado alguns originais. Foi da segunda leva de textos em prosa que saiu o embrião de *Relato de um certo Oriente*, primeiro romance do autor. Concluído em 1987 e publicado dois anos depois, o livro contém temas importantes e que se tornariam recorrentes em sua obra, como a mirada do outro sobre Manaus e a viagem como forma de conhecimento.

Em artigo publicado na *Revista d'*, da *Folha de São Paulo*, em novembro de 1990, a jornalista Maria Ercília destacava os olhares curiosos que se voltavam para aquela região do Brasil. E as razões eram muitas: “políticos à procura de notoriedade”, “grupos ecológicos

¹ Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

mais ou menos zelosos”, “artistas à cata de bálsamos espirituais”, “cientistas à procura de remédios milagrosos”. A TV reinventava o Norte e voltava suas câmeras para o *realismo mágico* da floresta. Para Ercília, no entanto, o surgimento de Hatoum naquele momento escapava ao exotismo e ao oportunismo, uma vez que o cenário amazonense figurava em sua literatura como elemento imprescindível. *Relato de um certo Oriente*, ganhador do Prêmio Jabuti, inseria a região no universo literário brasileiro sem se escorar no regionalismo descritivo.

O livro aborda, com viés introspectivo, os temas da memória e do retorno, entrecortados pela questão imigratória. Misturam-se na narrativa elementos que vão do local ao global, referências que indiciam a presença de vozes culturais diversas, como o enfoque num núcleo familiar de origem libanesa e a imagem do velho rádio que, naquela região longínqua da geografia sul-americana, sintoniza estações estrangeiras: “[...] e o rádio Philco holandês, oito faixas, que captava as ondas do ocidente e oriente, sintonizando estações do Cairo e de Beirute que o colocavam a par das últimas notícias, transmitiam programas musicais e a voz possante de um muezim [...]” (HATOUM, 2008, p. 35). Vale aqui lembrar a observação que faz Renato Ortiz em *Um outro território*:

Somos cidadãos mundiais porque o mundo penetrou nosso cotidiano. Isso altera nossa compreensão de proximidade e distância. Os meios de comunicação têm neste aspecto um papel preponderante. Eles trazem o que se encontra “lá fora”, isto é, afastado, mas no interior da modernidade-mundo, para perto daqueles que os usufruem (ORTIZ, s/d, p. 38).

O argumento é reforçado por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy: “não importa onde, os recantos mais periféricos são desencravados, o local está ligado ao global” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 16). Para eles, as tecnologias “tornam possível uma comunicação em tempo real, criando um sentimento de simultaneidade e de imediatismo que transcende as barreiras do espaço e do tempo” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 16).

Em entrevista concedida a Alexandra Lucas Coelho para o jornal português *Público*, publicada em março de 2000, Hatoum reforça o tom universalista da sua escrita: “a literatura escrita por um amazonense [...] deve ser universal, transcender a geografia para se inserir na arte”. De acordo com o autor, a trama do seu romance de estreia, centrada em uma família

líbano-brasileira em Manaus, numa casa em que se fala árabe e português, deve extrapolar os limites regionais para transitar em contexto mais amplo: “posso ser lido por um carioca, um paulista, um gaúcho, um português, um parisiense, um alemão, um cabo-verdiano”. E arremata: “[...] sendo do Amazonas, sou um escritor de língua portuguesa. E não me considero um regionalista”.

Ganham relevância as noções de trânsito e deslocamento, assim como as reminiscências da infância, que não se coadunam com a realidade encontrada no presente. Nesse sentido, a temática do regresso se desdobra em duas vertentes, uma mais objetiva, espacial, do retorno efetivo a Manaus, e outra, temporal, menos palpável, que diz respeito às lucubrações da memória e à tentativa de resgate do passado: “em certos momentos da noite, sobretudo nas horas de insônia, arrisquei várias viagens, todas imaginárias: viagens da memória” (HATOUM, 2008, p. 145).

Encontramos em *Relato de um certo Oriente* diversos trechos em que os fenômenos do deslocamento e do encontro entre culturas são colocados em evidência: “[...] aquelas imagens de Emir, ainda vivas na minha memória, estavam registradas no filme da câmera que eu esquecera no La Ville de Paris” (HATOUM, 2008, p. 60); “ele falava e perguntava ao mesmo tempo, mas tudo ficou no ar porque desatei a responder na minha língua materna. Só percebi que falava em alemão quando o marselhês me pegou pelo braço e berrou: o senhor está falando sozinho” (HATOUM, 2008, p. 60); “ela soube que minha mãe ia viajar pela Europa e passaria por Barcelona para te visitar” (HATOUM, 2008, p. 144); “às vezes, lia e relia com avidez as tuas cartas, algumas antigas, datadas ainda de Madri” (HATOUM, 2008, p. 145); “brincava [...] com esse jogo delicado e insensato que consiste em desvendar o passado de alguém, percorrendo zonas desconhecidas do tempo e do espaço: Trípoli, 1898; Ebrin, 1917; Beirute, 1920; Chipre, Trieste, Marselha, Recife e Manaus, 1924” (HATOUM, 2008, p. 48). Ou ainda: “nunca me perguntaram se eu era religioso, mas talvez condenassem secretamente este estrangeiro que vivia no mato entre os índios, que nunca entrara numa igreja, e no entanto podia rezar uma Ave-Maria em nhengatu” (HATOUM, 2008, p. 62).

O que Hatoum não deseja é o rótulo de “escritor da Amazônia”. Ao *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*, declara, em março de 1995: “o regionalismo é uma camisa de força que tenta inscrever o texto ficcional numa certa geografia, num modo de dizer

‘regional’, como se a fala ‘cabocla’, ‘sertaneja’ ou ‘gaúcha’ fosse por si só um estilo”. Para o autor, a obsessão com a *cor local* acaba provocando um apagamento de aspectos importantes do romance, como a espacialidade, a temporalidade, a construção das personagens... Admite, no entanto, que lugares remotos, obscuros, são lugares que favorecem a fabulação: “Tolstoi, Faulkner, Graciliano Ramos, Juan Rulfo, Conrad e tantos outros elevaram a província à categoria de universal”.

Sua trajetória editorial parece confirmar uma vocação literária que não conhece fronteiras. Seus textos têm sido traduzidos para diversos idiomas: grego, inglês, espanhol, francês, alemão, holandês, árabe, italiano, catalão, norueguês... K. David Jackson, da Universidade de Yale, ratifica o interesse dos leitores estrangeiros: “temas evidentes em Hatoum, como imigração, aculturação, erotismo, orientalismo e a realidade amazonense, atraíram o interesse e a atenção de uma parcela do público leitor internacional”². E acrescenta: “[...] seus temas e seu estilo narrativo têm grande apelo internacional, seja em termos demográficos ou literários”³. Não por acaso o jornal espanhol *Clarín*, em entrevista publicada na sua *Revista de Cultura* em março de 2011, referiu-se à literatura do escritor como uma *poética cosmopolita*, ou, mais especificamente, como um *patchwork poético e cosmopolita*. Os temas de Hatoum talvez interessem a leitores de outras partes do mundo porque, como sugerem Lipovetsky e Serroy, “na era hipermoderna, afirma-se a cosmopolitização dos medos e das imaginações, das emoções e dos modos de vida” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 17). Parece aumentar a sensação de que estamos “em um mundo único feito de interdependências crescentes” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 17).

Sobre questões geográfico-culturais, diz o escritor amazonense ao *Caderno 2* do *O Estado de S. Paulo*, de forma enfática: “geografias e identidades são hoje coisas difusas, plurais. [...] A noção de pátria é tediosa, quando não se torna assustadora, associada a ufanismos e ideologias nacionalistas”. Em outra entrevista, concedida a Aida Hamezá Hanania em novembro de 1993, Hatoum recorda a infância dividida entre falar árabe ou português. Mesmo tendendo ao português por conta da ligação mais direta com a ideia de

² “Hatoum’s overt themes of immigration, acculturation, eroticism, Orientalism, and Amazonian reality gained the interest and attention of an international reading public.”

³ “[...] his themes and narrative style speak to broad international interests whether in demography or literature”

pátria, o fato de estar na Amazônia, terra de fronteiras tão frágeis, acabava enfraquecendo também essa percepção: “porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngues, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...)”. Essa questão está presente em *Relato de um certo Oriente*:

A viagem terminou num lugar que seria exagero chamar de cidade. Por convenção ou comodidade, seus habitantes teimavam em situá-lo no Brasil; ali, nos confins da Amazônia, três ou quatro países ainda insistem em nomear fronteira um horizonte infinito de árvores; naquele lugar nebuloso e desconhecido para quase todos os brasileiros [...] (HATOUM, 2008, p. 64).

Orlando Maneschy e Marisa Mokarzel, no ensaio “Fora do centro, dentro da Amazônia”, falam em Amazônias, pois que a região tem sido historicamente atravessada e ocupada por povos diversos. Conforme dito na matéria publicada pelo *Caderno 2* do *O Estado de S. Paulo*: “é um tipo de literatura que pergunta o que pode ser atualmente uma identidade cultural”.

A questão nos remete a Stuart Hall, para quem a identidade do sujeito contemporâneo (ou pós-moderno, como chama) é construída de modo instável e fragmentado, opondo-se à concepção tradicional do sujeito fixo e unívoco, entidade coerente, integral e indivisível: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2005, p. 12). Para Hall, as antigas identidades entraram em processo de deterioração: “[...] as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2005, p. 12). O próprio processo de identificação, através do qual o sujeito projeta sua identidade cultural, teria se tornado provisório, variável e problemático. Para Hall, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente não passa de uma fantasia: “[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de

identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p. 12).

Essa fragmentação traria como consequência a diluição da crença de que o indivíduo se identifica de modo permanente com uma única e exclusiva voz. Hall classifica a identidade como uma “celebração móvel”, que se forma e transforma no confronto com os modos tradicionais de representação e com os sistemas culturais com que o indivíduo tem contato. As identidades seriam definidas historicamente: “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (HALL, 2005, p. 13).

Em *Relato de um certo Oriente*, os deslocamentos e as flutuações identitárias ocorrem em sentidos variados. O dentro e o fora em Milton Hatoum são intercambiantes, alternando-se de forma constante, o que não significa que haja, na escrita do amazonense, espaço para o relativismo cultural ingênuo e para o exotismo que costuma ser associado à diversidade. Em seu ensaio “Escrever à margem da história” (1993), o escritor fala um pouco do seu convívio com a diferença e do ambiente multicultural a que se habituou desde cedo:

Na minha infância, a convivência com o Outro exterior aconteceu na própria casa paterna. Filho de um imigrante oriental com uma brasileira de origem também oriental, eu pude descobrir, quando criança, os outros em mim mesmo. Ou, como afirma Todorov: "Uma pessoa pode dar-se conta de que não é uma substância homogênea e radicalmente estrangeira a tudo que não é ela própria". A presença e a passagem de estrangeiros na casa da infância contribuíram para ampliar um horizonte multicultural. Minha língua materna é o português, mas o convívio com árabes do Oriente Médio e judeus do norte da África me permitiu assimilar um pouco de sua cultura e religião. De forma semelhante, a cultura indígena se impunha com a presença de nativos que moravam na minha casa e frequentavam o bairro de imigrantes orientais da capital do Amazonas. Esse aprendizado foi lento, como sempre acontece quando assimilamos uma outra cultura. Nos primeiros anos da minha infância, eu escutava os mais velhos conversarem em árabe, a ponto de pensar que esta língua era falada pelos adultos e o português pelas crianças. Aos poucos, a língua árabe, a história, as paisagens e os costumes de um país longínquo tornaram-se familiares para mim. Os laços sanguíneos contribuíram para isso, mas o pequeno Oriente que me cercava (e do qual emanavam vários códigos visíveis e invisíveis) foi decisivo. Perscrutar um homem ajoelhado no seu quarto, a rezar com o corpo voltado para Meca, era violar um momento de sua intimidade, mas também descobrir o fervor religioso do meu pai. Outros parentes próximos eram católicos ou cristãos maronitas, mas nenhuma religião me foi imposta: era mais importante tomar conhecimento do texto bíblico ou corânico do que optar por uma religião. Afinal, diziam os mais velhos, somos todos descendentes de Abraão. Além da religião, da língua e dos costumes, a cultura do Outro estava delineando-se por um outro caminho, talvez o mais fecundo para mim: o da narração oral. Essa forma de

discurso era usada por exímios contadores de histórias que frequentavam a Pensão Fenícia, lugar da minha infância.

O indivíduo em Milton Hatoum vê no outro uma oportunidade de tornar mais nítida a percepção que tem de si próprio, embora esse objetivo nunca seja alcançado plenamente. Conflitos há, mas são necessários e até mesmo buscados. Atraído pela multiplicidade, o sujeito contemporâneo se vê cada vez mais impelido a partir em busca de outros espaços, outras culturas. O deslocamento, nesse sentido, é inevitável. Em *Reflexão sobre uma viagem sem fim*, conto publicado em 1992, os personagens refletem sobre o tema, como o bretão Félix Delatour, que declara: “a viagem [...], além de tornar o ser humano mais silencioso, depura o seu olhar. A voz do verdadeiro viajante ecoa no rio silencioso do tempo” (HATOUM, 1992, p. 63). A viagem, para Delatour, é uma “aventura do conhecimento”, uma aventura que se volta para o aprendizado sobre o outro e sobre si mesmo.

O desejo de universalidade presente na literatura de Hatoum acaba se misturando com um aspecto fortemente local, que é o cenário amazonense. A Manaus de *Relato de um certo Oriente* é uma cidade híbrida, marcada pelas noções de fronteira e deslocamento. Nela encontramos nacionalidades, línguas e costumes diversos, dando testemunho da opção do escritor pela via do pluralismo cultural. Também no romance é possível perceber a situação peculiar de Manaus em relação ao resto do país. Longe das grandes metrópoles do país, e absorvendo certa atmosfera cultural venezuelana, colombiana, caribenha, a cidade encarna o seu papel de lugar *ex-cêntrico*, capaz de produzir um olhar diferenciado sobre si mesmo e sobre o país. E pode, em outro sentido, ser reconhecida como uma cidade qualquer, ainda que não seja possível apagar a identidade peculiar de uma cidade próspera e ao mesmo tempo selvagem, tocada pelo desenvolvimento urbano mas ainda imersa em sua natureza exuberante e assustadora, estranha ao paradigma ocidental. É um movimento complexo e que, em certa medida, se mostra contraditório.

A oscilação entre local e global e o estranhamento que ainda advém do encontro de traços culturais mais marcados com características universalizantes podem, porém, ser resultado de um fenômeno tipicamente atual. Esse quadro parece se aproximar daquilo que Stuart Hall (2009) denomina de “proliferação subalterna da diferença”. Apesar das tendências homogeneizantes que advém do fenômeno da globalização, continua havendo uma

multiplicação de manifestações locais. Conforme diz Hall, as coisas parecem mais ou menos semelhantes entre si, mas ao lado do eixo *vertical* do poder cultural, econômico e tecnológico existem sempre conexões *laterais*, as quais produzem uma visão de mundo composta por diferenças que não podem ser ignoradas pelo grande eixo vertical.

Comentário semelhante fazem Gilles Lipovetsky e Jean Serroy: “se o mercado e as indústrias culturais fabricam uma cultura mundial marcada por uma forte corrente de homogeneização, ao mesmo tempo vemos multiplicar-se as demandas comunitárias pela diferença” (LIPOVETSKY e SERROY, 2011, p. 17). Ou seja, caminham lado a lado as duas tendências, a “uniformização globalitária” e a “fragmentação cultural”, confrontando continuamente as suas forças.

A despeito de seus particularismos, a obra de Hatoum tem transitado com certa facilidade, lidando habilmente com esse encontro do local com o global. As análises sobre a sua literatura, no Brasil e no exterior, tendem a exaltar a qualidade da escrita e o modo sofisticado com que desenvolve as narrativas. O escritor surge num momento em que já estão bastante ampliadas as discussões sobre o multiculturalismo, o que parece ter contribuído para a boa circulação do seu texto, inclusive no exterior. As mudanças históricas ocorridas em torno do eixo *diversidade cultural* têm garantido espaço para a visibilidade do *outro*, do *diferente*. Nesse sentido, o estrangeiro desperta interesse e se transforma em tema frequente no campo sociológico e também nas produções culturais.

2. Notas sobre a imigração árabe no Amazonas

Em entrevista concedida a Aida Ramezá Hanania, Hatoum fala um pouco sobre a presença árabe no norte brasileiro. De acordo com Hatoum, os imigrantes que chegaram no início do século vinte e que participaram da vida da região foram primeiramente para o Acre, para uma terra que, na verdade, ainda não era brasileira. Alguns oficiais do exército brasileiro que combateram pela independência do Acre eram, inclusive, de origem libanesa: “[...] há um Capitão Alexandre Farhat, um Cel. João Turco, personagens que pertencem à história do Acre e estão já presentes também na historiografia”.

O autor ressalta o fato de a imigração árabe na região ser pouco conhecida e estudada, atribuindo a isso o isolamento dos estados nortistas em relação ao restante do país: “[...] a selva nos separa; e essa sensação de isolamento radical é muito forte para quem nasceu e mora na Amazônia”. A integração dos imigrantes com os brasileiros, no entanto, teria sido muito rápida: “[...] na minha família, por exemplo, a segunda geração já se casou com brasileiros. Não há uma comunidade árabe fechada”, diz Hatoum, ressaltando ainda que se trata de uma colônia bastante expressiva: “[...] no Acre, a rua principal de Rio Branco é toda ela habitada por árabes: da Síria, do Líbano... Eles vieram [...] e lá permaneceram, não só na capital, mas em todo o Acre: Xapuri, Brasília, Porto Acre [...]”.

A figura do imigrante parece pressupor que a questão identitária tenha vital importância, sobretudo pelo fato de o indivíduo se encontrar permanentemente dividido entre dois referenciais, o da origem e o do destino (oposição esta que pode também vir a se enfraquecer com o passar do tempo). A identidade do indivíduo que sai de sua terra natal e se estabelece em outro país passa por modificações ao longo dos anos, tornando pouco a pouco menos nítidas aquelas marcas primevas que o identificavam como *estranho, estrangeiro*.

Félix Delatour, personagem do conto *Reflexões sobre uma viagem sem fim*, a respeito do qual diz a narradora Emilie (a mesma Emilie que vemos em *Relato de um certo Oriente*): “com o passar do tempo, esse personagem assimila algo do Outro, e percebe, com certa apreensão, que o estigma de sua condição de estrangeiro já é menos visível: algo no seu gesto ou na sua voz se turvou, perdeu um pouco do relevo original” (HATOUM, 1992, p. 65). E prossegue: “nesse momento, as origens do estrangeiro sofrem um abalo. A viagem permite a convivência com o Outro, e aí reside a confusão, fusão de origens, perda de alguma coisa, surgimento de um outro olhar” (HATOUM, 1992, p. 65).

O convívio com a nova cultura será influenciado pelo nível de integração do emigrado com o ambiente que o recebe. E também por seu grau de abertura ao novo, ao diferente. O viajante que chega de outro lugar pode ter uma comunidade a sua espera, mas pode também perder, ao menos temporariamente, o sentido de vida coletiva ou de agregação. A relevância da entidade familiar dentro da comunidade árabe (e o fechamento nela), mais especificamente, tende a reproduzir e a tentar preservar um mundo semelhante ao que existia

na origem. Nesse sentido, o projeto de retorno ao ponto de partida acaba se conservando intacto, ainda que a emigração resulte em conquistas e estabilidade.

Ao *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*, diz Milton Hatoum: “sei que as origens sempre nos esperam”. Em relação ao escritor e a sua ascendência libanesa, vale lembrar de passagem específica na entrevista que concede a Aida Ramezá Hanania. Perguntado por sua interlocutora se a viagem ao Líbano lhe permitiu *re-conhecer* o país que povoava as narrativas da infância, responde:

Reconheci muito pouco. Em Beirute, hoje tão devastada, nada. Só reconheci a família, ao mesmo tempo triste e nostálgica de seu país. Mas foi importante ter conversado com os parentes. Conheci cinquenta e dois parentes...! Soube que meu pai, na década de 1920 ou 1930, foi um dos três muçulmanos que estudaram no Collège de la Sagesse, graças ao Monsenhor Houaiss (parente de Antonio Houaiss), que é da mesma cidade de meu pai, Burj al Barajne (Torre das Torres). Essas conexões, esses laços foram muito significativos.

Mesmo entre os descendentes nascidos fora do Líbano, a viagem ao país, a apreensão desse espaço e a possibilidade de visitar familiares até então desconhecidos podem se converter em experiências reveladoras. Manifesta-se aí o fenômeno do duplo (ou seria múltiplo?) pertencimento, que pode se materializar na confluência e não no conflito. O contato do escritor com um Líbano semidestruído, recém-saído de batalhas devastadoras, potencializou o efeito que a atmosfera do lugar teve sobre ele: “foi muito impressionante, tanto Beirute como St. Nazaire; porque a linguagem da guerra é comum às duas cidades e o impacto sobre mim foi tão forte, que durante um tempo não consegui escrever”.

Um fragmento fazendo referência direta à emigração do Líbano para o Brasil em *Relato de um certo Oriente* pode ser encontrada no início do capítulo dois: “minha mãe e os irmãos Emílio e Emir tinham ficado em Trípoli sob a tutela de parentes, enquanto Fadel e Samira, os meus avós, aventuravam-se em busca de uma terra que seria o Amazonas” (HATOUM, 2008, p. 29). A presença de imigrantes árabes no romance pode ser encontrada também em outros trechos: “[...] um tio meu, Hanna, combateu pelo Brasão da República Brasileira; alcançou a patente de coronel das Forças Armadas, embora no Monte Líbano se dedicasse à criação de carneiros e ao comércio de frutas [...] nunca soubemos o porquê de sua vinda ao Brasil [...]” (HATOUM, 2008, p. 64); “[...] a mãe andava meio surda, e só escutava a

voz de duas ou três pessoas além de Hindié Conceição, e assim mesmo era necessário falar aos berros, bem devagar e em árabe [...]” (HATOUM, 2008, p. 25).

O ato de retornar, pois, mesmo quando temporária e *indiretamente*, pode adquirir nuances e significações variadas. As histórias de vida daqueles que emigraram são muitas e isso se reflete no modo de encarar um eventual trajeto de volta. Há os que nutrem certo sentimento de culpa pela partida, pelo *abandono* da família ou da comunidade original. Se a saída, para esses, adquire sentido de *falta*, *pecado*, o regresso pode figurar como *redenção*, *expição da culpa*. Retorna-se a um passado que *não pode* ser esquecido, preenche-se uma lacuna. Se para alguns o longo tempo afastado da terra natal aumenta a expectativa em relação ao regresso, podendo inclusive em alguns casos produzir uma visão idealizada do lugar de origem, para outros a estadia prolongada se converte em afetividade e identificação.

3. Retorno, memória e a (re)construção da identidade

A literatura de Milton Hatoum é uma literatura de viajante, em certo sentido uma tentativa de transferir para o texto um pouco da história do autor em termos de deslocamento. Além de Manaus, morou também em Brasília, São Paulo, Barcelona, Madri e Paris. Sobre a importância da vivência e das experiências pessoais para quem escreve, declara à *Revista de Cultura*: “a experiência é fundamental para a literatura. Quando não há experiência, não há literatura. Na linguagem, a experiência aparece como verdade e isso a boa literatura pode transmitir. Muitos textos pós-modernos carecem de credibilidade porque não são convincentes”⁴. Ao *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*, declarou: “a imigração é para mim um pretexto para abordar alguns temas: a viagem, o exílio, a solidão, a perda, o comércio, a eleição de uma nova pátria. [...] esse é o meu mundo ficcional e é melhor não traí-lo”.

É com o regresso ao Amazonas depois de alguns anos estabelecido na Europa que a carreira de escritor se inicia de fato. Na entrevista ao jornal *Público*, Hatoum fala da volta ao

⁴ “la experiencia es fundamental para la literatura. Cuando no hay experiencia, no hay literatura. En el lenguaje la experiencia aparece como verdad, eso la buena literatura lo puede transmitir. Muchos textos posmodernos no son creíbles porque no son convincentes”

Brasil: “não estava claro. Era uma viagem um pouco misteriosa. Voltar sem saber o que ia acontecer. [...] fiquei quase extasiado diante dessa revisitação dos lugares e das pessoas... e decepcionado ao mesmo tempo. A volta é sempre dual”. Diferentemente do sentido comumente atribuído à noção de viagem, que pressupõe planejamento e definição de objetivos, a viagem do escritor estava imersa numa atmosfera de imprevisibilidade.

A *dualidade* mencionada no que toca ao retorno se refere sem dúvida às marcas deixadas pelo afastamento, que o afetam de modo determinante. Esse processo de separação no tempo e no espaço acaba criando uma lacuna entre o mundo que viveu no passado e que adquiriu formas específicas para guarda em sua memória e a realidade que encontra ao voltar, inevitavelmente modificada e contrastante com as suas expectativas.

Renato Ortiz, em *Um outro território*, faz reflexão interessante sobre a problemática da viagem e do retorno. Partindo do pressuposto básico de que viajar significa deslocar-se no espaço, passar por lugares, Ortiz entende a figura do viajante como alguém que se encontra suspenso entre dois referenciais, os quais orientam o seu percurso. Nesse sentido, diz ele, a viagem se aproxima dos ritos de passagem: “ela implica a separação do indivíduo de seu meio familiar, depois, uma prolongada estadia *on the road*, para enfim reintegrá-lo em sua própria casa, em sua terra de origem” (ORTIZ, s/d, p. 26). Para o sociólogo, este aspecto da separação tem importância fundamental, sobretudo por conter a ideia de que o indivíduo que parte sai de um mundo previamente conhecido para aventurar-se em outro inteiramente novo.

Estabelecendo um processo comparativo com a iniciação religiosa, Ortiz sugere que a passagem de um estado profano para um estado sagrado é ela própria uma espécie de viagem, que impõe um distanciamento da vida anterior e o contato com uma outra realidade. Depois de integrado a esse novo mundo, já conhecedor de muitos dos seus segredos, o recém-convertido descobre que não é mais capaz de encarar as coisas com o mesmo olhar: “[...] seu destino já não será mais o mesmo. As marcas de sua iniciação [o] acompanharão pelo resto de sua vida” (ORTIZ, s/d, p. 26). O viajante se afasta de um universo que lhe é familiar e depois de algum tempo em trânsito retorna à origem. Não retorna, porém, imune às experiências vivenciadas. Seu olhar está modificado. Sua identidade está agora composta por fragmentos de todas as experiências vividas, de todos os lugares que conheceu.

Sobre a volta ao Amazonas, Hatoum declara ao *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*: “sabia que iria encontrar uma cidade devastada, e que toda busca de um paraíso é infrutífera, pois só há paraísos perdidos. Não sei se devemos voltar para a terra natal. Sei que as origens sempre nos esperam”. O impulso para retornar se alinha de certa forma com comentário que faz Edward Said nas suas *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, segundo o qual o que há é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar” (SAID, 2003, p. 46). A volta para casa passa a ser uma tentativa de deixar para trás a “tristeza essencial” causada por essa fratura. Said ressalta que, por mais heroicos ou românticos que pareçam ser alguns dos exilados narrados pela história e pela literatura, o que prevalece é mesmo “a dor mutiladora da separação”. Diz ele: “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, 2003, p. 46).

Nesse sentido, o retorno se faz fundamental para o indivíduo, ainda que o lugar de origem e o próprio olhar do retornado sejam *outros*. Mantém-se, porém, a função referencial do espaço. Perguntado pelo jornal português *Público* sobre como foi regressar a Manaus depois de sua “experiência europeia, do mundo...”, disse Hatoum, parecendo relativizar um pouco o peso e a importância do contexto globalizante: “[...] não posso escrever longe da realidade que conheço. Um escritor que se distancia muito do seu mundo começa a ter dificuldades em escrever”.

A imagem da cidade para a qual volta, uma cidade *opressiva, arruinada*, com todas as suas perdas físicas e afetivas, muito diferente daquela que repousava suavemente em sua memória, acaba também ficando impressa na sua literatura. Manaus talvez seja, nesse sentido, não apenas espaço, mas também personagem. Parece haver uma ligação mais forte entre os três primeiros romances do autor, sobretudo pelo viés memorialista. Manaus aparece pouco em *Relato de um certo Oriente*, concentrado que está o livro nos espaços fechados e no drama familiar. Em *Dois irmãos*, o ambiente externo ganha mais destaque, protagonizando uma espécie de tragédia urbana, com ênfase nas transformações impostas à cidade, na destruição do patrimônio histórico, no apagamento da memória cultural. Já em *Cinzas do Norte*, a cidade volta a figurar de forma discreta, dada o enfoque nas questões históricas em torno do regime militar.

Embora a capital amazonense esteja *em ruínas*, ainda assim o regresso se faz necessário, orientado por uma afetividade e uma sensação de pertencimento predominantes. Ao *Público*, Hatoum afirma: “[...] queria visitar familiares, amigos, a atmosfera de Manaus, à margem do Rio Negro, que é um rio fabuloso, de águas pretas, com dez quilômetros de largura, um rio que é um mar”. O escritor queria rever “a língua portuguesa falada no Amazonas, a paisagem da infância... um paraíso perdido...”. Queria resolver a saudade que sentia: “e a saudade só pode ser recuperada quando é reinventada pela memória”.

Ou, mais especificamente, pela literatura. A ideia de produzir o romance ganha força, na verdade, com o impacto da morte do avô, imigrante libanês, em Manaus, acontecida quando o escritor ainda estava na Europa. É o que declara em entrevista concedida ao jornal italiano *Il Mattino* em novembro de 1992: “a ficha da literatura só caiu quando recebi a notícia da morte do meu avô, que tinha sido um grande contador de histórias. Eu queria me valer da escrita para recuperar a sua voz perdida”⁵. Vinham do avô as histórias que povoaram a sua infância, histórias estas extraídas de *As mil e uma noites* e por ele modificadas, adulteradas, reinventadas. Sobre a perda do avô e o reflexo deste fato em *Relato de um certo Oriente*, disse Hatoum ao *Público*: “ele já tinha um imaginário fabuloso e isso ficou-me na memória, o registro dessa voz. Quando ele morreu, [...] comecei a escrever *Relato*... pensando muito nesse velho libanês contando histórias em português para as crianças de Manaus”.

O ponto de corte entre o relato autobiográfico e a criação romanesca acontece pela via da recriação, que distancia o texto literário de narrações que se querem muito próximas da realidade. Diz o escritor, na mesma entrevista: “[...] eu tinha receio que os meus familiares se reconhecessem no romance... e nenhum se reconheceu. É bom, significa que não retrato o que eles foram, não é ilustração, reflexo do real, é uma reinvenção”. Ao *Il Matino*, declara: “existe a questão da autobiografia, mas existe também muita invenção. Procurei mesclar realidade e fantasia para dar forma ao grande movimento da memória e para dar voz aos que dela não compartilham”⁶.

⁵ “la molla della letteratura scattò quando mi giunse la notizia della morte di mio nonno che era stato un grande cultore della narrazione orale. Volli recuperare la sua voce perduta attraverso la scrittura”

⁶ “c’è dell’autobiografia, ma c’è anche molta invenzione. Ho cercato de mescolare realtà e fantasia per dare forma al grande movimento della memoria e per dare voce a chi non ce l’há”

Para Hatoum, a memória é um dos grandes vetores da literatura. Não é, porém, aquela memória pontual, exata, mas a que se perde no tempo, que pode ser revisitada e modificada pela imaginação. Conforme diz ao *Caderno 2* do jornal *O Estado de S. Paulo*: “o importante é não ter memórias precisas. Os personagens têm de ser mais nebulosos”. Comentário semelhante faz na já citada entrevista à *Revista de Cultura* do *Clarín*: “Borges dizia que o esquecimento é parte da memória; Clarice Lispector também dizia algo a respeito: ‘só se pode lembrar do que nunca existiu’. É isso o que se passa na literatura: a lembrança nunca é muito nítida ou precisa, é algo um pouco nebuloso, sem contorno”⁷.

Sergio Chejfec, em seu ensaio “La memoria disuelta en la literatura” (“A memória dissolvida na literatura”), lembra que o passado é como uma paisagem escondida, oculta, mas ordenada segundo tensões específicas. Não pode ser indeterminado, pois que essa indeterminação o tornaria resistente à atribuição de significados. Diz ainda: “[...] sabemos que dificilmente a literatura se conjuga segundo suas premissas de verdade. A literatura é um discurso verdadeiro apenas na medida em que estabelece uma relação ambígua com a verdade e com o falso”⁸ (CHEJFEC, 2005, p. 165). A memória nunca é obediente, afirma o argentino, e a memória que a literatura sempre se propôs a reconstruir é a *psicológica individual* (em oposição à coletiva), subjetiva, pessoal, aquela que vem impulsionando de forma constante a narrativa moderna.

As relações entre memória e ficção constituem verdadeira obsessão para Milton Hatoum, que vai ao tema de forma recorrente. Na entrevista que dá à *Revista Nueve Perros*, diz: “o que é contado, o que é narrado, também pelo filtro da memória e da imaginação”⁹. Sobre Dorner, uma das vozes narrativas de *Relato de um certo Oriente*, afirma que se assemelha ao narrador de Walter Benjamin: “é um pouco essa voz que viaja no tempo e no espaço, que vem de longe, que tem algo para contar, mas que quando conta, quando narra, já é

⁷ “Borges decía que el olvido es parte de la memoria; Clarice Lispector también decía algo al respecto: ‘uno sólo puede acordarse de lo que nunca existió’. Esto es lo que pasa en la literatura: nunca el recuerdo es muy nítido o preciso, es algo un poco nebuloso, sin contorno”

⁸ “[...] sabemos que dificilmente la literatura se conjuga según premisas de verdad. La literatura es un discurso verdadero sólo en la medida en que establece una relación ambigua con la verdad y con lo falso”

⁹ “lo que es contado, lo que es narrado, también pasa por el filtro de la memoria y de la imaginación”

[...] uma transfiguração da experiência vivida”¹⁰. O bretão Félix Delatour, em *Reflexão sobre uma viagem sem fim*, tece comentário semelhante: “a imaginação se nutre de coisas distantes no espaço e no tempo” (HATOUM, 1992, p. 63).

O regresso e a memória estão interligados em *Relato de um certo Oriente*. O retorno da narradora anônima, após anos de ausência, à casa da infância, desencadeia nela a necessidade de empreender um outro retorno. É preciso investigar o passado, tornar claras as lembranças opacas e confusas. A memória (re)construída, no entanto, se mostra repleta de lacunas, não chegando, pois, a adquirir consistência de verdade (aquela verdade objetiva, concebida como representação exata e inquestionável do real):

Pensei em te enviar uma cópia, mas sem saber por que rasguei o original, e fiz do papel picado uma colagem; entre a textura de letras e palavras coleí os lenços com bordados abstratos: a mistura do papel com o tecido, das cores com o preto da tinta e com o branco do papel, não me desagradou. O desenho acabado não representa nada, mas quem o observa com atenção pode associá-lo vagamente a um rosto informe. Sim, um rosto informe ou estilhaçado, talvez uma busca impossível neste desejo súbito de viajar para Manaus depois de uma longa ausência (HATOUM, 2008, p. 145-146).

Os fragmentos narrativos que compõem o livro reforçam a ideia de divisão, falta de unidade, e deixam marcada a presença impositiva da lacuna, que não permite que o passado de Emilie, personagem-chave, seja esmiuçado. Apesar do volume de informação que consegue coligar no intuito de estruturar o seu relato, a narradora não parece capaz de unir todas as pontas, de fazer com que todas as peças se encaixem. A mirada para trás, apoiada em relatos diversos, gravados em fitas e anotados em cadernos, aumenta ainda mais a fragilidade do discurso ao qual o leitor tem acesso. A narradora se apropria de diversas vozes e tenta articulá-las de modo que edifiquem um discurso coeso, coerente: “eu mesma procurei um tema que norteasse a narrativa, mas cada frase evocava um assunto diferente, uma imagem distinta da anterior, e numa única página tudo se mesclava” (HATOUM, 2008, p. 145).

O retorno de Emilie à velha Manaus representa, de todo modo, uma tentativa de recuperar algo que ficou perdido no passado. Trata-se, em última instância, de uma busca pela

¹⁰ “es un poco esa voz que viaja en el tiempo y en el espacio, que viene de muy lejos, que tiene algo para contar, sólo que cuando cuenta, cuando narra, ya es una [...] transfiguración de la experiencia vivida”

própria identidade da personagem, empresa que vai se mostrando, ao longo do texto, fadada ao fracasso. Quanto mais se embrenha nas memórias nebulosas dos seus informantes, mais percebe que a história que pretendia reconstituir ainda está, na verdade, sendo escrita. Não há um passado estável a ser resgatado.

Além de encontrar repouso nas memórias individuais, a atmosfera intimista do livro absorve também a energia advinda da vivência coletiva, construída no contato entre as diferentes culturas que convergem no universo manauense. Vale novamente a observação de Emilie em *Reflexões sobre uma viagem sem fim*: “a viagem permite a convivência com o Outro, e aí reside a confusão, fusão de origens, perda de alguma coisa, surgimento de um outro olhar” (HATOUM, 1992, p. 65). Em *Relato de um certo Oriente*, vemos a situação do indivíduo bipartido, transitando entre culturas diferentes e delas participando efetivamente:

Desde pequeno, convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense. E às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas. Sabia que tinha sido eleito o interlocutor número um entre os filhos de Emilie: por ter vindo ao mundo antes que os outros? por encontrar-me ainda muito próximo às suas lembranças, ao seu mundo ancestral onde tudo ou quase tudo girava ao redor de Trípoli, das montanhas, dos cedros, das figueiras e parreiras, dos carneiros, Junieh e Ebrin? (HATOUM, 2008, p. 46).

Tzvetan Todorov (1999) relativiza, em certo sentido, a “tristeza essencial” apontada por Edward Said no que toca à existência longe da terra natal. Para Todorov, o fenômeno do *duplo pertencimento* é uma realidade viável. Embora sofra num primeiro momento, o emigrado (ou exilado) acaba descobrindo como tirar proveito da sua experiência, que passa a incorporar sentimentos e vivências possíveis apenas a partir do convívio com o diferente. Embora se fale aqui *genericamente*, com o intuito de apenas enfatizar a situação do sujeito que se estabelece em terra estranha, é preciso marcar a necessária distinção entre as figuras do *exilado* (em geral forçado a deixar a sua pátria) e a do *emigrado* (que, embora motivado normalmente por questões sociais, políticas e/ou econômicas, o faz de forma voluntária). Cada situação possui suas complexidades e deve, sem dúvida, ser analisada especificamente.

A narrativa construída a partir do retorno se alimenta de incursões por um espaço algo desfigurado. A desorientação diante desse cenário está impressa no próprio texto, metaforizada na imagem emblemática do rio amazonense:

[...] Pensava (ao olhar para a imensidão do rio que traga a floresta) num navegante perdido em seus meandros, remando em busca de um afluente que o conduzisse ao leito maior, ou ao vislumbre de algum porto. Senti-me como esse remador, sempre em movimento, mas perdido no movimento, aguilhoado pela tenacidade de querer escapar: movimento que conduz a outras águas ainda mais confusas, correndo por rumos incertos [...] (HATOUM, 2008, p. 147).

Se, por um lado, o retorno é sonho, necessidade, por outro pode também significar decepção, frustração. A busca do passado, o regresso ao que existia antes da saída, pode se revelar uma impossibilidade. Nesse sentido, se a viagem de volta fracassa, se não há reencontro compatível com as expectativas alimentadas, o lugar de origem não adquire a esperada aura familiar e o estranhamento acaba prevalecendo. Se o ponto de partida é agora terra estranha, também o desejo de identidade do viajante que retorna se converte em *estrangeiridade*. Não há identidade sólida e o indivíduo não se sente efetivamente em casa. O regresso representaria aí não mais do que a mera supressão da distância (espacial) que o separava de sua terra natal.

Referências

BRASIL, Ubiratan. Hatoum a 24 quadros. *Caderno 2. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 08 mai. 2011. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

CHEJFEC, Sergio. La memoria disuelta en la literatura. In: RESENDE, Beatriz (org.). *A literatura latino-americana do século XXI*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

COELHO, Alexandra Lucas. “Só restou um paraíso, é a Amazônia”. *Público*, Lisboa, 2 mar. 2000. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

EDWARDS, Rodolfo. “No estamos más en tiempos de Balzac”. *Ñ - Revista de Cultura, Clarín*, Buenos Aires, 11 mar. 2011. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

ERCÍLIA, Maria. Nasce a nova literatura. *Revista d'. Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1990. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

GRAIEB, Carlos. Milton Hatoum cria pátria entre dois mundos. *Caderno 2, O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 mar. 1995. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org.: Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HANANIA, Aida Hamezá. Entrevista concedida em 05 nov. 1993. Disponível em <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>>. Acesso em 22 abr. 2017.

HATOUM, Milton. Reflexões sobre uma viagem sem fim. *Revista USP*, n. 13, mar/abr/mai 1992. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

_____. Escrever à margem da história. Texto de participação do autor em seminário com a participação de escritores brasileiros e alemães realizado no Instituto Goethe de São Paulo em 04 nov. 1993. Disponível em <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>>. Acesso em 22 abr. 2017.

_____. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Sin miedo y con placer. *El País Cultural*, Madri, 14 ago. 2009. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

JACKSON, K. David. The Flowering of Memory in “Eve’s Verandas”. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

KANZEPOLSKY, Adriana. Entrevista. *Revista Nueve Perros*, Ano 4, n. 4, 2004. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

L'ALTRA America, Il Sud Amazzonico. *Il Mattino*, Nápoles, 12 nov. 1992. Disponível em <www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em 22 abr. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MANESCHY, Orlando; MOKARZEL, Marisa. *Fora do centro, dentro da Amazônia: fluxo de arte e lugares na estética da existência*. In: HERKENHOFF, Paulo (curador). *Amazônia: ciclos de modernidade*. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (RJ e DF). São Paulo: Zureta, 2012.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'água, s/d.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.